



## Da ética aristotélica à literatura brasileira: pensando num imaginário comum acerca da amizade<sup>1</sup>

Thales Souza Oliveira

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
IFSP, Capivari, SP, Brasil.  
[o.thales@aluno.ifsp.edu.br](mailto:o.thales@aluno.ifsp.edu.br)

### Resumo

A amizade, desde a antiguidade, é tema recorrente na prosa, na poesia e na música. Além disso, a amizade também foi objeto de reflexão de diferentes filósofos ao longo dos séculos. Considerando a amizade como algo sumamente necessário à vida e um elemento constituinte da felicidade, tal como proposto por Aristóteles – que dedicou os livros VIII e IX de sua *Ética a Nicômaco*, um verdadeiro tratado sobre a amizade, que discute sua importância na prática da virtude e na constituição da felicidade humana –, o presente trabalho se propõe a analisar, inicialmente, um corpus composto por obras artístico-literárias de autores brasileiros que versam sobre a amizade, incluindo letras de canções, crônicas e um poema, e a partir disso, reconstituir um possível imaginário comum acerca da amizade, buscando compreender o que seria uma amizade duradoura. Somado a isso, também se faz presente no trabalho a análise de capítulos selecionados dos livros VIII e IX de *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles. A partir dessas duas análises, pretende-se relacionar o possível imaginário comum extraído dos textos não-filosóficos, com o tratado proposto por Aristóteles, em sua *Ética a Nicômaco*, destacando a presença de elementos descritos pelo filósofo, em meados do século IV a.C, no imaginário comum, presente nos dias atuais.

**Palavras-chave:** Amizade; Aristóteles; Imaginário comum; Literatura; Música.

---

<sup>1</sup>O presente artigo é resultado de uma pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida ao longo do ano de 2023, sob orientação da professora Francine Maria Ribeiro, e que contou com bolsa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica (PIBIFSP).

## From Aristotelian ethics to Brazilian literature: thinking about a common imagery of friendship

### Abstract

Since ancient times, friendship has been a recurring theme in prose, poetry and music. Friendship has also been the subject of reflection by different philosophers over the centuries. Considering friendship as something extremely necessary to life and a constituent element of happiness, as proposed by Aristotle – who dedicated books VIII and IX of his *Nicomachean Ethics*, a veritable treatise on friendship, which discusses its importance in the practice of virtue and in the constitution of human happiness –, this paper initially sets out to analyze a *corpus* made up by Brazilian Authors that deal with friendship, including song lyrics, chronicles and a poem, and from this, to reconstruct a possible common imagery about friendship, seeking to understand what a lasting friendship would be. In addition to this, the work also includes an analysis of selected chapters from books VIII and IX of Aristotle's *Nicomachean Ethics*. Based on these two analyses, the aim is to relate the possible common imagery extracted from non-philosophical texts with the treatise proposed by Aristotle in his *Nicomachean Ethics*, Highlighting the presence of elements described by the philosopher in the middle of the 4th century BC in the common imagery present today.

**Keywords:** Friendship; Aristotle; common imagery; Literature; Music.

### 1 INTRODUÇÃO

A amizade é um tema recorrente tanto na literatura quanto na música, e é frequentemente expressa como um bem de valor inestimável e essencial para a constituição da nossa felicidade, sendo o amigo aquele que se faz presente nos momentos difíceis e que também compartilha os momentos de alegria. Contudo, a natureza particular da amizade levanta questionamentos acerca de sua essência: O que realmente é a amizade? É um sentimento? Se sim, de que tipo? Qual a relação entre amizade e amor? E se a amizade for um tipo de atividade? O que é necessário para manter uma amizade duradoura? Haveria um tipo único de amizade ou ao longo de nossas vidas experimentamos diferentes tipos de amizade? Qual a relação entre amizade e felicidade? É possível ser feliz sem amigos?

Buscando responder a tais questões, Aristóteles dedicou parte de sua *Ética a Nicômaco*, mais especificamente, os livros VIII e IX, para tratar dessa temática, elaborando

um verdadeiro tratado sobre a amizade. Nesse contexto, o Estagirita articulou diversos elementos considerados cruciais para a compreensão da natureza da amizade. Aristóteles apresenta três tipos de amizade, sendo um deles considerado a amizade perfeita, e os elementos discutidos pelo filósofo como essenciais para a amizade, por sua vez, parecem se fazer presentes numa representação idealizada do que seria a amizade, e que estamos propondo reconstituir a partir das obras não-filosóficas por nós analisadas, apresentando o que poderíamos chamar de um imaginário comum acerca da amizade.

Em nosso cotidiano, embora não seja comum pararmos para refletir sobre o que é a amizade para nós, inevitavelmente, temos algumas expectativas que depositamos nas relações de amizade cultivadas no decorrer da vida. A partir disso, situações de desapontamento e insatisfação podem surgir quando as ações do amigo não correspondem ao esperado, sendo algo que não julgamos como próprio de um amigo. Nesse sentido, acreditamos ser possível identificar diversas ideias sobre amizade constituindo um imaginário popular sobre a amizade e que se manifestaria nas diversas expressões artísticas que permeiam nosso cotidiano.

O presente trabalho pretende, a partir da análise de um *corpus* constituído por letra de canções, crônicas e um poema, reconstituir esse imaginário comum sobre a amizade, identificando aqueles elementos que seriam, de algum modo, considerados essenciais ou definitórios da amizade. A partir desse levantamento, almeja-se realizar uma comparação entre elementos constituintes desse possível imaginário comum e aqueles delimitados por Aristóteles nos livros VIII e IX de sua *Ética a Nicômaco*, visando ressaltar as convergências e divergências entre as concepções do pensamento contemporâneo sobre a amizade com o advindo do pensamento aristotélico.

Tanto na abordagem das obras não-filosóficas quanto nos escritos de Aristóteles, é possível observar a busca por caracterizar um tipo de amizade ideal, que comumente é associada à amizade verdadeira ou amizade duradoura. Em seu livro *A amizade em tempos de tecnologia*, a pesquisadora Bárbara Silva define a amizade duradoura como “relações sociais coletivas que transcorrem num tempo maior e se mantêm na vida dos indivíduos apesar das mudanças ocorridas ao longo de suas existências” (Silva, 2016, p.10). A partir disso, a pesquisadora também aponta alguns elementos que parecem construir essa relação, como a afinidade, afeto, confiança, intimidade e a admiração. E, no decorrer de sua pesquisa, Bárbara enfatiza a afinidade e o afeto como elementos fundamentais para a amizade duradoura. Segundo palavras da pesquisadora:

A afinidade e o afeto são os dois elementos que tornam as amizades, independentemente da diminuição do convívio social ou até mesmo da falta do mesmo, duradouras. Inclusive, são esses dois elementos que fazem com que haja um forte desejo ou mesmo um esforço de se encontrar pessoalmente com o(a) outro(a) amigo(a) (Silva, 2016, p.47).

Sob essa ótica, utilizaremos as expressões amizade duradoura e amizade verdadeira como sinônimos, visto que tanto na ideia de amizade verdadeira que é possível inferir dos textos não-filosóficos, como na amizade perfeita proposta por Aristóteles, podemos encontrar os elementos utilizados por Bárbara Silva para conceitualizar a amizade duradoura.

Com esse propósito, na sequência, buscaremos explicitar os elementos que parecem se fazer presentes num certo imaginário comum sobre a amizade e que pode ser reconstituído a partir das obras que compõem o nosso *corpus* de pesquisa.

## 2 CONSTITUINDO UM IMAGINÁRIO COMUM A PARTIR DE OBRAS ARTÍSTICO-LITERÁRIAS DE AUTORES BRASILEIROS

A fim de tentar reconstituir um imaginário comum e compartilhado a respeito da amizade a partir de um conjunto de crônicas, músicas e poesias de autores brasileiros que tem a amizade como tema central, foram selecionados os seguintes textos para compor o corpus dessa pesquisa: duas canções, *Canção Da América*, de Milton Nascimento e *Quem Tem Um Amigo (Tem Tudo)*, do rapper Emicida; três crônicas, *Os Grandes Amigos*, de Clarice Lispector, *Ah, Os Amigos*, de Rachel de Queiroz e *Os Amigos Invisíveis*, de Fabrício Carpinejar e, finalmente, por um poema, *Sobre Amigos e Pontes*, de Juliana Valentim.

As obras selecionadas para essa análise destacam-se pela sua relevância no dia a dia dos jovens, abordando ideias e conceitos sobre a amizade que poderiam ecoar num imaginário coletivo. Nesse sentido, por exemplo, o trabalho com crônicas ao longo da trajetória escolar pode levar os estudantes a terem contato com textos de Rachel de Queiroz e Clarice Lispector, duas grandes escritoras desse gênero. Fabrício Carpinejar, por sua vez, sendo um autor contemporâneo, com forte presença nas redes sociais, acaba por se aproximar de um público mais jovem. De modo geral, os seis textos escolhidos nos oferecem um recorte temporal que pode nos dar pistas acerca das características que se mantiveram e das que se modificaram na abordagem da amizade durante os últimos cinquenta anos nas produções artísticas e literárias brasileiras.

Na *Canção da América*, que é por muitos reconhecida como um hino à amizade, Milton Nascimento expressa a dor da despedida de dois amigos, mas também a força da

amizade, que supera o tempo e a distância enquanto houver um desejo de reencontro. Em *Quem Tem Um Amigo (Tem Tudo)*, Elicida não economiza elogios ao amigo, descrito como alguém “pronto pro que vier mesmo a qualquer segundo”. E, segundo ele, uma amizade longeva e verdadeira - tal qual a de Gil e Caetano - é algo raro, sugerindo ainda que uma amizade assim ultrapassa até mesmo as barreiras da morte e nos acompanham de outras vidas.

No conto *Os Grandes Amigos*, de Clarice Lispector, somos apresentados à história de dois jovens que se conheceram no último ano da escola e que, muito rapidamente, estabelecem um laço forte de amizade, não havendo nada que não confiassem um ao outro. Mas essa amizade logo acaba por desnudar a pobreza dos dois, que sem ter o que contar um ao outro, sentem um enorme pesar em estar juntos. Quando, no final do conto, depois de terem tentado diferentes estratégias para “salvar” a amizade, se despedem para as férias, sabem que não irão se encontrar mais, mas que seguirão amigos, amigos sinceros.

Por sua vez, em *Ah, Os amigos*, Rachel de Queiroz logo de início anuncia que a amizade é coisa séria. E sendo séria, tem suas regras próprias: amizade não deve ser misturada com amor; devemos ter poucos amigos e respeitar o território de cada um, evitando misturar os donos de cada território; um amigo é insubstituível, jamais alguém poderá ocupar um território que ficou vazio; devemos respeitar nossos amigos, aceitá-los como são, sem querer governá-los ou corrigi-los. Segundo a cronista, se alguém não é capaz de ter amigos, é um erro da natureza.

Fabrizio Carpinejar, na crônica *Os amigos invisíveis*, nos mostra o principal erro que cometemos com nossos amigos: o excesso de cobrança. Segundo Carpinejar, os amigos não precisam “renovar cadastro” ou “passar em casa todo fim de semana”, uma vez que a lealdade e a perenidade dos conselhos dos amigos seriam provas de uma amizade duradoura.

Finalmente, no poema *Sobre Amigos e Pontes*, Juliana Valentim nos apresenta a vida como uma ponte a ser atravessada. E para que essa travessia seja feliz, deveríamos ser acompanhados por todos os tipos de amigos: os que nos ajudam a atravessar a ponte, segurando nossa mão quando nos falta coragem; os que nos empurram da ponte, para enfrentar os desafios do cotidiano; os que se jogam conosco, sendo companheiros em todos os momentos e os que estão preparados para nos apoiar, caso venhamos a cair sem querer.

Os textos analisados abordam aspectos distintos da amizade e, ao mesmo tempo que exaltam a amizade e os amigos, exploram sua relação com o amor, o seu papel na busca da felicidade, trazem pistas para pensarmos o que qualificaria uma amizade duradoura, e

oferecem indícios para a reflexão acerca dos critérios sob a existência de um único tipo de amizade ou se devemos sempre falar em amizades, no plural. Em termos gerais, a análise realizada nos permitiu constatar que, nesse possível imaginário coletivo, a amizade é concebida tanto como um sentimento como um conjunto de atividades realizadas entre amigos, sejam encontros para conversar, festividades e celebrações especiais, prática de esportes, ou, em geral, a convivência na qual a amizade possa ser exercitada. Ademais destaca-se a ideia de uma amizade “universal”, buscando atender todas as necessidades em um só amigo, ou a ideia de cada amizade sendo direcionada a uma afinidade específica entre os amigos. Somado a isso, podemos traçar algumas relações: a reciprocidade e o valor do amigo aparecem como um pilar essencial para a formação da amizade. Por sua vez, elementos como o apoio, companheirismo, afeto, intimidade e a proximidade física emergiram como aspectos de grande relevância, pois estão presentes em grande parte das representações de amizade delineadas nos textos.

É possível afirmar que a amizade se configura como uma relação de extrema importância para esses autores, servindo como fonte de inspiração e, em alguns casos, figurando como tema recorrente em suas produções, cada uma em seu contexto histórico e social específico. Seja ela compreendida como um tipo de sentimento, uma prática ou algo que precisa ser cultivado diariamente, ou mesmo como uma combinação das duas anteriores, a saber, uma prática enraizada em um tipo especial de sentimento, constata-se que a amizade é considerada como algo essencial para o ser humano, para que possa ter uma vida plenamente humana. Rachel de Queiroz é quem afirma de maneira mais incisiva que se alguém não é capaz de ter amigos, essa pessoa seria um erro da natureza. E Juliana Valentim sugere que os amigos seriam indispensáveis para se ter uma vida feliz.

Portanto, após a leitura atenta dos textos, destacamos alguns elementos que se mostraram recorrentes nas abordagens dos autores acerca da amizade, a saber, o Apoio/Companheirismo, Afeto, Intimidade, Proximidade Física, a existência de Amizades por fase/afinidade, a duração/perenidade das relações, a discussão sobre o número de amigos, a reciprocidade e a valorização do amigo. Cabe ressaltar que os dois últimos destacam-se em relação aos demais, visto que perpassam todas as obras analisadas.

Na sequência, direcionamos nosso foco para a discussão acerca da amizade feita por Aristóteles, nos livros VIII e IX de sua obra *Ética a Nicômaco*.



### 3 A AMIZADE A PARTIR DA PERSPECTIVA ARISTOTÉLICA

Aristóteles figura como um dos nomes mais importantes na história da filosofia, e não é surpreendente que também tenha se dedicado à temática da amizade. É nos livros VIII e IX de sua *Ética a Nicômaco* (EN) que encontramos um dos primeiros tratados sobre a amizade. Já no primeiro capítulo do livro VIII da EN, Aristóteles inicia a discussão sobre a amizade, assumindo que essa seria i) uma virtude ou ii) implicaria numa virtude (1155a 1-5). Essa aproximação da amizade com a virtude nos permite dizer que a amizade seria, segundo o filósofo, um tipo de *disposição de caráter*. Nesse sentido, ela não seria apenas um *sentimento*, mas envolveria certa *atividade*, na medida em que, para Aristóteles, “as virtudes são modalidades de escolhas ou envolvem escolhas” (1106a 4-5).

A fim de compreender a amizade, o filósofo toma como ponto inicial os objetos do amor. Segundo o estagirita, só amamos o que nos parece estimável, ou seja, o que é bom, agradável ou útil. Mas, para a amizade, não basta somente o amor, como observa Inara Zanuzzi, em EN, a amizade é definida por três características, de modo que um amigo:

i) quer o bem do outro em vista do outro (x quer o bem de y em vista de y), ii) a relação de querer o bem do outro é recíproca (a relação (i) é a mesma da parte de y por x), ambos os amigos reconhecem isso, tanto x quanto y têm conhecimento do querer bem do outro em relação a si próprio. (Zanuzzi, 2010, p.13)

Sob essa ótica, Aristóteles pontua que a amizade é uma relação que só se perpetua a partir do momento em que existe um amor mútuo e conhecido entre ambas as partes. Segundo o filósofo, “A fim de serem amigas, pois, devem conhecer uma à outra como desejando-se bem reciprocamente” (1156a 1-5).

A partir da compreensão dos motivos pelos quais amamos, o filósofo deslinda a existência de dois tipos iniciais de amizade: a amizade por prazer e a amizade por utilidade. A relação dos que amam pela utilidade é um laço de amizade formado por pessoas que não se amam por si mesmas, mas sim pela sua utilidade, em virtude de algo que recebem um do outro, amando pelo o que é bom para eles mesmos. Já a amizade daqueles que amam pelo prazer, é uma relação de amizade formada por pessoas que também não se amam por si mesmas, mas sim pelo prazer fornecido pela pessoa, amando pelo que é agradável a ele.

Além desses dois tipos de amizades, que o filósofo descreve como *acidentais*, pois são formadas unicamente pelo acaso, e são impermanentes – uma vez que, tanto o prazer como a utilidade são qualidades temporárias –, Aristóteles descreve a amizade que se dá pela natureza do outro, em vista de quem ele é, e esse terceiro tipo é apontado pelo filósofo como a amizade

verdadeira ou amizade perfeita (1156b 5-10). Esse tipo de amizade, segundo Aristóteles, é aquela estabelecida entre pessoas virtuosas e boas, que desejam mutuamente o bem do outro, sem outros interesses, valorizando a bondade do amigo, sendo perfeita tanto em duração, quanto em reciprocidade e simetria na relação. Essa amizade é também conhecida como o sentido absoluto do conceito de amizade, visto que, as outras duas formações são acidentais, e são chamadas amizade devido a semelhanças com a amizade perfeita.

Em EN, VIII, 5, Aristóteles enfatiza a importância da convivência e da presença física para a amizade verdadeira. Considerando a amizade como uma disposição de caráter ou uma atividade, o filósofo argumenta que a distância por si só não rompe a amizade, mas suspende sua atividade. Para ele, a convivência é importante para a amizade à medida em que, mesmo que duas pessoas se estimem, só podem se tornar amigas a partir do momento que exista uma convivência entre elas.

Tendo em vista essa contextualização inicial da amizade em EN, VIII, na sequência, buscaremos relacionar os elementos propostos por Aristóteles para qualificar a amizade com os elementos que, a partir de obras artístico-literárias de autores brasileiros, estamos propondo compor um certo imaginário comum acerca da amizade em nossos dias.

#### **4 POSSÍVEIS RELAÇÕES ENTRE A NOÇÃO DE AMIZADE ARISTOTÉLICA E A AMIZADE PRESENTE NO IMAGINÁRIO COMUM**

A partir da leitura dos capítulos 1,2,3,4 e 5 do livro VIII e dos capítulos 3,4,5,9,10,11 e 12 do livro IX da *Ética a Nicômaco*, nos quais Aristóteles trata da amizade, é possível observar a presença de alguns elementos que também se fazem presentes no imaginário comum acerca da amizade, tal como apresentado no início deste trabalho.

O par apoio/ companheirismo, por exemplo, se faz presente quando o filósofo aborda a temática sobre a necessidade de amigos na prosperidade ou na adversidade, em EN IX, 11. Nesse contexto, é possível inferir que, quando pensamos na prosperidade, possamos relacionar com a ideia do companheirismo, referente à presença dos amigos nas atividades cotidianas e eventos festivos. Por outro lado, no contexto da adversidade, é possível correlacionar esse cenário com o apoio, entendido como a presença do amigo durante momentos adversos, desempenhando o papel de um confidente solidário, como um ombro amigo, e que, de certa maneira, sofre junto conosco em nossos infortúnios. Em “Quem Tem Um Amigo (Tem Tudo)”, o amigo é descrito como “Um ombro pra chorar depois do fim do



mundo” e também como um “Oásis nas piores fases quando some o chão e as bases”. Quanto a ideia de companheirismo, Emerico o ilustra pela relação entre Gil e Caetano, sendo longeva e amigos de longa data.

A intimidade, por sua vez, emerge como um elemento de suma importância para a concepção aristotélica de amizade, uma vez que, segundo o filósofo, uma relação só se torna uma amizade verdadeira, quando a benevolência é enriquecida pela intimidade (1167a 10-15). Clarice Lispector, ao abordar o que seria uma amizade sincera, nos aponta a intimidade e a confiança entre os amigos como os principais elementos dela, uma vez que, segundo o narrador-personagem, ele e seu companheiro chegaram num ponto de amizade que não podiam guardar nem mesmo um pensamento para si. Em outro momento, o narrador-personagem conta que convidou o amigo para morar com ele no apartamento de sua família que havia se mudado. Com isso, imaginava poder ampliar a convivência e a intimidade com o amigo.

A proximidade física é também um elemento extremamente importante para o filósofo, quando pensamos na amizade. Em EN VIII, 5, Aristóteles destaca a importância da presença física, argumentando que o distanciamento entre os amigos enfraquece o laço de amizade, rompendo sua atividade, e, caso se prolongue por muito tempo, causando o esquecimento da amizade. Ademais, em EN IX, 12, Aristóteles revisita o tópico sobre a importância da presença física na amizade, assumindo que a convivência é o fim mais desejável da amizade. Em “Quem Tem um Amigo (Tem Tudo)”, essa ideia se faz presente quando o amigo é apresentado como um ombro para chorar, um ponto para escorar e que está sempre junto, sendo todos esses seriam indícios da necessidade da presença física do amigo.

Ao pensar em como a noção de amizades de fase/afinidade dialoga com a concepção aristotélica, é possível discernir duas perspectivas. Se, no contexto da amizade verdadeira, o amigo parece suprir a todas as necessidades do outro – já que, conforme Aristóteles, o homem bom é útil e agradável por si mesmo –, por outro lado, poderíamos ver nas amizades por utilidade e prazer aquilo que Rachel de Queiroz, por exemplo, considerava “as diferentes facetas do nosso coração”. Em EN IX, 12, o filósofo afirma que, ao compartilhar o que dá sentido à vida, alguns amigos bebem juntos, outros associam-se nos exercícios físicos ou na prática da filosofia. A partir disso, a existência de amizades relacionadas a diferentes fases da vida, locais, ou afinidades poderiam ser associadas à concepção aristotélica de amizade.

Quanto à duração da amizade, o filósofo argumenta que, no caso da amizade entre homens bons, “Essa espécie de amizade, pois, é perfeita tanto no que se refere à duração quanto a outros respeitos” (1156b, 30-35). Ao tratar sobre a benevolência, Aristóteles se refere a ela como um estágio de pré-amizade que só se tornaria uma amizade verdadeira quando existisse a intimidade e o tempo, já que, os homens só se tornam amigos quando tenham “provado sal juntos” (1156b, 25-30). Segundo Carpinejar, “Amigo mesmo demora a ser descoberto. É a permanência de seus conselhos e apoio que dirão de sua perenidade.” Nesse sentido, ele parece estar de acordo com Aristóteles. Por sua vez, Emicida sugere que a verdadeira amizade poderia ultrapassar uma vida, sendo que seu amigo Wilson das Neves, poderia ser amigo de vidas passadas e que, uma vez tendo partido, um dia será por ele visitado. No mesmo sentido, Rachel de Queiroz parece acreditar que uma amizade verdadeira duraria, inclusive, para além da morte.

Em relação ao número de amigos, o filósofo dedica o capítulo 10 do livro IX a essa discussão. Aristóteles defende que o número ideal de amigos, quando pensado na amizade verdadeira, fosse o máximo com o qual pudéssemos conviver, uma vez que, seria impossível se contristar com um amigo e comemorar com outro ao mesmo tempo, tendo em vista também a importância da convivência na amizade. Já em relação ao número de pessoas envolvidas nessa relação, o filósofo afirma que as amizades são relações formadas entre duas pessoas, já que sentimos um sentimento de amizade por poucas pessoas, segundo ele “as amizades famosas dessa espécie são sempre entre duas pessoas” (1171a, 16). Além disso, em outros capítulos, o filósofo destaca sempre a amizade entre duas pessoas (1155a 30-35; 1155b 5-10). Nos textos não-filosóficos, Rachel de Queiroz é quem mais diretamente enfrenta essa questão, afirmando que a primeira lei da boa amizade é ter poucos amigos; muitos camaradas, colegas, conhecidos cordiais, mas poucos amigos.

A reciprocidade aparece como um elemento essencial para a amizade em Aristóteles, uma vez que, a amizade só existe quando a benevolência entre as duas pessoas é recíproca. Somado a isso, vale destacar também a importância da reciprocidade quando pensamos na amizade verdadeira, já que, essa existe quando os homens amam um ao outro por quem são, de maneira recíproca.

A valorização do amigo também aparece com grande importância para o filósofo, uma vez que o amigo aparece como essencial para a concepção de felicidade na obra, visto que, o

filósofo inicia o livro VIII dizendo que “sem amigos ninguém escolheria viver, ainda que possuísse todos os outros bens” (1155a, 5-6).

## 5 CONCLUSÕES

Em linhas gerais, a análise dos textos que compõem o *corpus* de pesquisa sugere a presença de um imaginário comum acerca da amizade, concebida tanto como um sentimento como um tipo de atividade, manifestada por um conjunto de ações compartilhadas entre os amigos. Alguns textos indicam a existência de uma amizade universal, com um único amigo sendo capaz de suprir todas as necessidades do outro, enquanto outros apontam para a ideia de diferentes tipos de amigos, relacionados a uma afinidade ou fases da vida, como faz Fabrício Carpinejar ou “facetadas de nossa personalidade”, tal qual foi dito por Rachel de Queiroz.

É possível afirmar, em linhas gerais, que a maioria dos elementos candidatos a constituintes do imaginário comum também se fazem presentes na concepção aristotélica da amizade, a saber, afeto, apoio/companheirismo, reciprocidade, presença física, intimidade. Ambas as visões convergem em aspectos essenciais, evidenciando uma certa consistência de algumas ideias sobre a amizade, que, de certo modo, transcendem as características temporais e culturais. Nesse sentido, podemos afirmar que o interesse sobre a amizade se mantém como um tópico atemporal.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

CANÇÃO da América. [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Milton Nascimento. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=75kf9y\\_fukM](https://www.youtube.com/watch?v=75kf9y_fukM). Acesso em: 26 set. 2022.

CARPINEJAR, Fabrício, A paz nos defeitos. *In*: CARPINEJAR, Fabrício. **Amizade é também amor**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

EMICIDA - Quem tem um amigo (tem tudo) part. Zeca Pagodinho, Tokyo Ska Paradise Orchestra e Prettos. Direção: Felipe Macedo. [S. l.]: Laboratório Fantasma Produções, 2020a. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Emicida. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hxsWMIVPdWg>. Acesso em: 26 set. 2022.

LISPECTOR, Clarice. Os grandes amigos. *In*: VASQUEZ, Pedro Karp (org.). **Crônicas para jovens: de amor e amizade**. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2010.

QUEIROZ, Rachel de. Ah, os amigos. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Coleção Melhores Crônicas**. São Paulo: Global, 2004.

SILVA, Bárbara G. Ribeiro S. da. **A Amizade em Tempos de Tecnologia**. Jundiaí, Paco Editorial: 2016.

VALENTIM, Juliana. Sobre amigos e pontes. *In*: VALENTIM, Juliana. **Palavras que dançam ao redor do sol**. São Paulo: Editora Respaldo Escritor, 2022.

ZANUZZI, Inara. **A amizade em Aristóteles: Política, III, 9 e Ética Nicomaqueia, VIII**. dois pontos. Curitiba, São Carlos, v.7, n.2, p.11-28, out., 2010. Disponível em: [https://www.academia.edu/34923183/A\\_amizade\\_em\\_Arist%C3%B3teles\\_Pol%C3%ADtica\\_III\\_9\\_e\\_%C3%89tica\\_Nicomaqueia\\_VIII\\_1](https://www.academia.edu/34923183/A_amizade_em_Arist%C3%B3teles_Pol%C3%ADtica_III_9_e_%C3%89tica_Nicomaqueia_VIII_1). Acesso em: 26 set. 2022.